



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

OS DOIS MAIS ILUSTRES ALUNOS DO COLÉGIO DO MOSTEIRO DA COSTA.

GONÇALVES, Alberto

Ano: 1931 | Número: 41

Como citar este documento:

GONÇALVES, Alberto, Os dois mais ilustres alunos do colégio do Mosteiro da Costa. *Revista de Guimarães*, 41 (3) Jul.-Set. 1931, p. 183-196.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Os dois mais illustres alunos do colégio do Mosteiro da Costa

E' esta a denominação vulgar por que é ainda conhecido o mosteiro de Santa Marinha da Costa, nos subúrbios de Guimarães, à distância de três quilómetros, pouco mais ou menos, hoje transformado em vivenda particular.

Pertencia êste mosteiro, a princípio, ao padroado da Corôa, passando depois para o domínio dos Braganças, como donatários e duques da mesma cidade. Fundou-o, cêrca do ano 1139, a rainha D. Mafalda, mulher do nosso primeiro rei D. Afonso Henriques, filha de Amadeu II, conde de Mauriana e de Saboia, descendente dos imperadores da Alemanha e Saxônia e que morreu na ilha de Chipre, no regresso da sua segunda viagem à Terra Santa, sendo sepultado no monte de Santa Cruz, e de *Madame Eugène*, dos condes de Alban.

Era excessivamente piedosa esta rainha, pois sentia um grande prazer em acudir às misérias alheias, às quais destinava a maior parte das suas muitas rendas, tendo fundado também o convento de Arouca, de monjas bernardas, em cuja igreja seu corpo se encontra, encerrado num rico e admirável túmulo de ébano, com guarnições de prata. A sua festa faz-se todos os anos em 10 de Maio com brilho, visto ter sido canonizada.

O Mosteiro da Costa, dedicado pela sua nobre fundadora à virgem Santa Marinha (portuguesa), foi por ela entregue à direcção espiritual dos cônegos regrantes de Santo Agostinho que o possuíram 350 anos, sendo o seu primeiro prior D. Mendo Moreira ou Morais — segundo consta de uma carta de doação por êle assinada. Porém decorridos aqueles anos, como esta Ordem fôsse decaindo muito da primitiva regra, desviando-se da sua observância e fôsem somente três os religiosos — Frei João de Braga e Frei João Afonso (professos) e Frei Alvaro Fernandes (leigo) — que se locupletavam com os rendimentos do mos-

teiro, D. Jaime, 4.º duque de Bragança e 2.º de Guimarães e como tal padroeiro do mosteiro, sabendo disto, resolveu entregar a sua direcção e domínio espiritual à Ordem de S. Jerónimo, para o que impetrou uma bula do Papa, a qual lhe foi concedida por Clemente VII em 2 de Março de 1545.

Neste documento nomeava o dito Pontífice os seus executores, os quais seriam o Bispo de Ceuta, o D. Prior da colegiada de Guimarães, o Arcebispo de Braga e um Cônego da colegiada de Ourém, para que todos ou, pelo menos, um, em nome dêles, averiguasse o facto e os seus motivos e os testemunhasse, formando-se assim a causa jurídica para a entrega do mosteiro à Ordem de S. Jerónimo que datava em Portugal de ano anterior a 1354, pois neste ano já possuía esta Ordem na freguesia de Pereira, concelho de Alenquer, um convento.

Era D. Jaime muito dedicado a seus actos religiosos, o que nos é confirmado não só pelo orago do mesmo nome que êle dera à sua capela e colegiada de Vila-Viçosa, como pelo padroeiro que escolhera para uma ermida que fundara na sua tapada da mesma vila. Realizada a execução da dita bula, entraram os ditos frades para o mosteiro e dêle assumiram a direcção espiritual, sendo nomeado prior da respectiva comunidade *Frei Inácio de Evora* que viera, para aquele fim, do mosteiro congénere de Belém, em Lisbôa.

Porém aqueles três religiosos da primitiva Ordem de Santo Agostinho, a que já aludimos, não podiam sair do mosteiro para viverem na miséria, completamente privados dos meios de subsistência. Por isso o referido *Frei Inácio*, mediante combinação prévia com o padroeiro e concordata com êles feita, ficou encarregado de dar-lhes 34 mil reis, sendo 12 para cada um dos professores e 10 para o leigo, o que se cumpriu até êles morrerem.

Mas continuemos. Foi a igreja dêste mosteiro sagrada pelo arcebispo de Braga D. João, acto solene a que assistiu o nosso monarca D. Afonso II, o *Gordo*. Os reis portugueses dedicaram sempre uma particular estima a êste mosteiro, fazendo-lhe muitas mercês e concedendo-lhe não poucas prerogativas. Assim, não falando em outros, mandou D. João III dar-lhe 6 arrobas de açúcar, 2 de cera, 15 arráteis de pimenta, 6 de cravo, 10 de canela, 4 de

malagueta e 6 de maná, todos os anos, enquanto vivo foi. Mas não só isto; fez-lhe muito mais. Senão, vejamos. Foi este talvez o rei — diz um escritor — quem em Portugal, depois de D. Denis tratou com maior solicitude da instrução e quem mais a desenvolveu, nos tempos idos, já reformando o Estatuto Universitário, já adicionando-lhe algumas disciplinas obrigatórias, entre elas a língua latina. Dessa reforma incumbiu o dito rei o letrado, nosso erudito patricio, Andrade Gouveia, que fôra mestre abalizado no colégio de *Sainte-Barbe*, em França, em 1460 — estabelecimento científico importante e mais considerado que a Sorbonne — e que tivera também a honra de reorganizar completamente a Universidade de Bordeus. Viveu este nosso ilustre compatriota mais de 20 anos naquele país, donde D. João III o chamara, bem como a outros notáveis sábios de fama europeia, como Diogo de Teive, doutor em Direito pela Universidade de Paris, Mestre naquele de Bordeus e mais tarde cônego da Sé de Miranda em Portugal, sendo natural de Braga, João da Costa, João Mendes, antigo Mestre nas Universidades de Salamanca e de Alcalá, que veio reger a cadeira de *Retórica* na de Coimbra, assim como a Teive fora confiada a de *Humanidades*, sendo reitor do colégio das Artes.

Porém André de Gouveia não chegou a realizar toda a missão régia de que se incumbira, por ter falecido repentinamente em Coimbra, em 9 de Junho de 1548, vítima — segundo se afirma — de desgostos causados por perseguições dos jesuítas havia pouco admitidos em Portugal. Aquele Diogo Teive também fôra perseguido pela Inquisição, sendo encerrado nos seus cárceres, em Lisboa, em 1550, isto é, 14 anos depois de ela ser estabelecida no nosso país por bula do Papa Paulo III com 4 tribunais: em Lisboa, em Evora, em Coimbra e em Gôa.

Seis meses tinham decorrido após André de Gouveia ter fundado em Coimbra o Real Colégio das Artes e onze depois da sua chegada a Portugal, quando elle faleceu, sendo sepultado no mosteiro de Santa Cruz, da mesma cidade.

Montaigne, que foi seu aluno na Universidade de Paris, refere-se a elle num rasgado elogio, que lhe dedica, no seu livro *Essais*.

D. João III, quando dera a seu padrinho, o duque

D. Jaime, licença para a mudança de religiosos no mosteiro da Costa, nêle determinou fundar um colégio, com a amplitude de uma Universidade, na qual se leccionariam várias disciplinas, como *Humanidades, Artes, Teologia, Filosofia, Latim* e outras, e que nela se concedessem os graus de bacharel, licenciado e mestres de Artes e Ciências, com as mesmas prerogativas e privilégios da de Coimbra. Foi, na verdade, criado êste colégio por bula expedida pela Penitenciaria Romana, em 7 de Novembro de 1539 — *Ex parte celsitudinis* — e era freqüentado tanto pelos que se dedicavam à carreira eclesiástica como a outras profissões. Ocupava o cargo de Prior do mosteiro *Frei Diogo de Murça*, da Ordem de S. Jerónimo, doutor formado pela Universidade de Louvain, que depois em 1543 (a 5 de Novembro) foi nomeado reitor da Universidade de Coimbra, cujo lugar exerceu até ao fim do ano de 1555, ano em que pediu ao rei a demissão, recolhendo-se, em seguida, ao convento de Refoios de Basto, onde faleceu em 1560 e teve jazida.

Porém, antes de se internar no dito convento, criou no referido ano de 1555 o colégio de S. Bento naquela cidade de Coimbra, dentro do edificio da mesma Universidade, colégio que no fim de 80 anos passou para um amplo prédio, adrede construído e no qual foi instalada a respectiva Ordem religiosa e onde actualmente se encontram funcionando os liceus drs. José Falcão e Júlio Henriques, tendo em 1849 servido também de quartel militar. E' situado em local magnifico junto do aqueduto de S. João, assim como a sua igreja, que, sagrada, em 19 de Março de 1634, por Frei Leão de S. Tomé, illustre escritor, se encontra hoje completamente desmantelada e num deplorável estado de ruínas.

Frei Diogo de Murça enquanto não transferiu o colégio da Costa para Coimbra não descansou até que o conseguiu, pois êle assim o comunica, por uma carta, ao nosso embaixador, em Roma, Aires de Sousa.

No tempo de Frei Diogo de Murça — dizem alguns escritores — existiam no dito mosteiro da Costa 3 lentes portuguezes: um que ensinava *Ética* logo depois de almoço, e *Física* ao meio dia; outro que ensinava *Dialéctica* e outro *Retórica*, e todos pareciam *desempoeirados no assunto* segundo afirma o humanista illustre Clenardo — que assistiu

em 1547, às lições por elles dadas quando escreveu ao arcediágo da Sé de Évora Mestre João Petit.

Os primeiros alunos que logo se matricularam como internos no colégio do mosteiro da Costa foram os príncipes: *D. António* e *D. Duarte*.

*

*

*

Nasceu o infante português *D. António*, em Lisboa, no ano de 1531. Era filho bastardo do erudito infante *D. Luís*, duque de Beja, 4.º filho dos 12 que nasceram dos três casamentos de el-rei *D. Manuel I* com princesas espanholas, senhor de Serpa, Moura, Covilhã, Almada e outras, e 8.º Prior do Crato, cuja dignidade lhe foi dada em 1528, pelo Papa Adriano VI, por morte do anterior *D. Prior*, *D. João de Meneses*, mordomo-mor de *D. João II*, 1.º conde de Tarouca, viúvo de *D. Joana Vilhena*, a instâncias do rei *D. João III*, que para este fim mandou a Roma Aires de Sousa, levando de presente ao Papa uma cruz feita de um fragmento da do Calvário e a qual Prestes João, rei da Abissínia, mandara a *D. Manuel I*. *D. Luís* nascera em Abrantes, em 3 de Março de 1506, e faleceu na quinta de Marvila, do conde de Linhares, além do convento de S. Bento, de Xabregas, a 24 de Novembro de 1556, sendo seus restos mortais depositados nos Jerónimos, em Belém. A mãe de *D. António* foi a judia conversa *Violante Gômes*, a *Pelicana* (por causa da sua formosura), filha de *Pero Gomes*, transmontana, natural de Moncorvo, que, depois de haver mais 9 filhos do mesmo pai, se recolheu a Vairão, donde passou ao convento cisterciense de Almofter, onde foi sempre muito bem tratada, recebendo até muitas honras e privilégios, tanto da rainha *D. Catarina*, que a visitava com frequência, como do rei *D. João III*, que, além de lhe confirmar, depois da morte do seu irmão, o dito infante *D. Luís*, afilhado de baptismo do 4.º duque de Bragança, *D. Jaime*, todas as doações e rendas que este lhe fizera, ainda lhas aumentou com outras bastante avantajadas. O infante *D. Luís* enamorara-se dela numa ocasião que ali fôra a uma feira.

Violante Gômes faleceu naquele convento em 16 de Julho de 1569, sendo sepultada nos claustros e tendo por

epitáfio uma modesta legenda que só lhe indica o nome :
VIOLANTE GOMES.

D. António, corajoso e destemido, acompanhou D. Sebastião a Alcácer-Quivir, em 1578, e alguns actos de valor ali cometeu, sempre na brecha do maior perigo, afirmando alguns escritores que êle ficara prisioneiro, antes da derrota, por ter cedido o seu cavallo ao Monarca, quando o dêste fôra morto.

Hábil e engenhoso, servira-se, depois, de um estratagemma para conseguir o resgate, fazendo-se passar por cura de uma frêguesia. Ficou seu fiador um opulento mercador de Fez, que deu por êle a quantia de 2 mil cruzados.

Já em 1574 D. António havia sido governador de Tânger e em 1580 foi um dos pretendentes, por morte do rei purpurado D. Henrique, ao trono português. Mas não encontrando almas dedicadas nem corações patrióticos, é destroçado pelo duque de Alba, comandante do exército invasor espanhol, em 25 de Agosto daquele ano de 1580, na ponte de Alcântara, apesar de aclamado em Santarém, em Lisboa, Évora, Vila-Viçosa, Aveiro e outras localidades do continente e ilhas, nos Açores, na Vila-da-Praia e noutras, nas quais ainda exerceu o seu domínio algum tempo. Porém, dentro em pouco, viu-se banido do território da sua Pátria.

Cheio de desgostos e amarguras profundas, depois de andar fugido e completamente desiludido com os reveses que lhe aconteceram, sendo até oferecidos 80 mil ducados a quem o prendesse, ei-lo a caminho do exilio para Paris, onde morreu com o coração sangrando de dor imensa por tanta ingratidão e na maior miséria, em 26 de Agosto de 1595, rodeado apenas de alguns criados dedicados, dos filhos e de seu primo materno Frei Diogo Carlos, frade franciscano, doutor em teologia, que lhe escreveu o testamento. Foi sepultado em Rueil.

D. António era eclesiástico, pois seu tio, o cardeal D. Henrique, ministrou-lhe as ordens sacras, e pertencia à Ordem de Malta, tendo sido nomeado coadjutor e futuro sucessor do pai no priorado do Crato e depois da morte daquele tomou posse definitiva. Porém obteve dispensa do celibato para casar, tentando realizar consórcio com D. Maria de Bragança, filha do 6.º duque de Bragança e 1.º de Barcelos D. João I e de sua mulher a resoluta duquesa

D. Catarina, também uma pretendente à vacatura do trono português. Nasceu D. Maria no paço de Vila-Viçosa, em 1565, e faleceu no mesmo com 27 anos, isto é, em 1592. Foram incumbidos de pedir-lhe a mão Frei Manuel de Melo e António de Sousa, de Lamego, com a promessa de o duque, seu pai, ser elevado à alta categoria de infante, consórcio que ela não aceitou.

Formosa e rica, esta *sempre noiva* morreu solteira, pois além do Prior do Crato já antes dêste a desejara o provector cardeal-rei, que chegara a impetrar para êsse fim, de Roma, a devida autorização, que não lhe foi concedida, o que seria, francamente o dizemos, um desastre, moralmente apreciado. Depois dêstes dois, ainda appareceu a D. Maria um outro pretendente, que foi D. Filipe I, destinando-a para seu filho D. Diogo, que morreu muito novo.

Estudara D. António latim e filosofia neste mosteiro da Costa, passando depois em 1548 para aluno do colégio real de S. Paulo, de Coimbra, cuja Universidade frequentou e nela se formou.

Segundo afirma o cronista *Frei Nicolau de Santa Maria*, envergava o Prior do Crato nesse tempo o hábito religioso, pois chama-lhe *Frei António* quando afirma que êle serviu de padrinho no acto do doutoramento em Artes, de D. Fulgêncio, de Bragança, mais tarde D. Prior da insigne Colegiada de Santa Maria, de Guimarães, que era filho do 2.º casamento do 4.º duque de Bragança D. Jaime com D. Joana de Mendonça.

Em 1531 D. João III e sua mulher D. Catarina visitaram a Universidade de Coimbra e nessa ocasião o Prior do Crato recitou perante os régios visitantes e respectivas comitivas uma oração académica em latim sôbre D. Afonso Henriques e S. Teotónio, o primeiro abade do Convento de Santa Cruz da mesma cidade.

Quando o cardeal-rei faleceu, encontrava-se D. António fora de Lisboa, por isso pediu autorização ao senado para fazer valer os seus direitos à Coroa perante os governadores a que aquele deixava *post mortem* entregue a governança do país. Porém dentro em pouco, depois de concedida aquela autorização, o mesmo senado o mandou abandonar a capital, motivo êste por que foi primeiramente aclamado em Santarém para onde se retirara.

*

*

*

D. Antônio, falecendo com 64 anos, deixou dois filhos e quatro filhas, dos dez que tivera de várias mulheres.

O primeiro, que nasceu em Tânger, quando o pai ali fôra governador, faleceu em Paris, tendo deixado um livro, escrito em francês e no qual tratava das memórias do pai. Chamava-se D. Cristóvão de Portugal e o outro D. Manuel, que casou com D. Emilia de Nassau, filha do príncipe Guilherme de Orange, que faleceu com 60 anos, em Genebra, sendo já viúva.

As filhas, por nomes Filipa, Luísa, Violante e Antónia, ingressaram em conventos de Portugal e Espanha, tendo a segunda vivido algum tempo no célebre mosteiro de Odiveelas, onde, cêrca do ano 1717 entrou, na idade de 16 anos, a famosa Paula Teresa da Silva, nascida e baptizada na frêguesia de Santa Justa, em Lisboa, filha de Adrião de Almeida Paulo e D. Josefa da Silva e Sousa, e que do mesmo mosteiro foi *madre*, favorita de D. João V, mulher que trocara sua modesta casa pelas opulências faustosas dos aposentos da residência claustral, recheados das exóticas munificências régias, e de cujos amores com o rei *magnânimo* nasceu D. José, o mais novo dos três *meninos da Palhavã*, que foi inquisidor geral, neste outrora reino, ao mesmo tempo que seu irmão D. Gaspar desempenhava a elevada dignidade arquiépiscopal de Braga, Primaz das Espanhas, filho de D. Madalena Máxima de Miranda, também freira. O outro, D. Antônio, filho duma francesa, era doutor em teologia. Todos eram legitimados.

*

*

*

O outro aluno illustre dêste mosteiro foi, como já dissemos, D. Duarte, filho bastardo do rei D. João III (1) e de uma senhora por nome D. Isabel Moniz, dama camareira da rainha D. Leonor, 3.^a mulher de D. Manuel I e filha de

(1) Teve um outro bastardo por nome Manuel que faleceu em criança.

um alcaide de Lisboa, conhecido pelo *Corranca*. Nasceu D. Duarte em Lisboa em 1521 e no Paço dos Estaus, da mesma cidade, faleceu em 1545, com 22 anos de idade.

Esteve doente somente dez dias, primeiramente de bexigas às quais sobrevieram outras complicações, sendo inumado no mosteiro de Belém, da mesma cidade. Entrou para o colégio da Costa aos 14 anos, sob o cuidado de Frei Jorge, Prior de N. Senhora da Pena e ali estudou Filosofia e Teologia, sendo um dos seus mestres o profundo teólogo Frei Jerónimo de Belém. D. Duarte desenvolveu-se tanto em Filosofia que, em breve, no dia de S. Jerónimo, fez uma erudita dissertação sobre essa disciplina numa academia pública, formada adrede pelas maiores capacidades científicas da Ordem e à qual assistiram muitas pessoas da nobreza vimaranense e até da côrte.

Era um consumado músico e distinguiu-se muito na *gineta* e *estardota* em que foi muito *airoso* — diz um documento — sendo seu mestre o antigo *adail* de Africa e depois frade leigo Frei Fernando de Ansiães.

Freqüentou a Universidade, de Coimbra, como aluno do real colégio de Santa Cruz, e nela teve como mestres Inácio de Moraes e o doutor Caiado em Filosofia e o abalisado Romeu em Teologia. Foi nesse tempo, em 1540, nomeado comendatário e perpétuo administrador do dito colégio por bula pontificia — *Romani Pontificis Providentia*.

D. Duarte andava no mosteiro da Costa já vestido de religioso e nunca dali saiu até que passou para Coimbra. Por isso — diz o rev. Torcato Peixoto de Azevedo — nunca D. Duarte foi a Guimarães, apesar de ser ali perto, nem tampouco nunca visitou sua mãe que vivia recolhida no convento de Santa Clara, do Codeçal, no Pôrto, donde foi transferida, por ordem do rei, para um outro de igual Ordem, na Guarda, devido a motivos, talvez graves, que aquele escritor não indica.

Era Prior da Costa no seu tempo Frei Pedro Barbuda.

D. Duarte celebrou a sua primeira missa, chamada vulgarmente *missa nova*, na capela do Paço, em Lisboa, na presença do rei, seu pai, e de uma selecta assistência de vários fidalgos e nobreza.

D. João III, reconhecendo-lhe grande talento, resolveu dar-lhe mais uma prova da sua muita estima e para isso

escolheu-o para arcebispo de Braga, para cujo lugar foi nomeado como administrador da arquidiocese pelo Papa Paulo III pela bula *Apostolatus Officium*, sendo-lhe dispensado o impedimento de nascimento, visto os pais serem solteiros, por uma outra *Divina Supereminens*.

Acumulou com esta dignidade os lugares de abade dos mosteiros de Cárquere, Longos-Vales, Tarouca, Ceiça e Refoios, e a coadjutoria dos de Tibães, Carvoeiro e Salzedas.

Quando foi tomar conta da arquidiocese, entrou em Braga pela porta do Souto, contra o costume dos seus antecessores, o que provocou a profecia de uma velhota que, com lágrimas nos olhos, dissera que a existência d'ele seria efêmera, isto é, de pouca duração. E assim foi, pois ele só exerceu aquele lugar 19 meses.

D. Duarte sabia latim como um clássico e por isso começou a escrever nessa língua a biografia e história dos reis portugueses, tratando somente da do rei D. Afonso Henriques, por lhe ter sobrevivido a morte muito cedo. D'ele apenas foi publicada a *Oração* que escreveu sobre a Filosofia e à qual já nos referimos.

As casas habitadas por estes dois alunos do mosteiro da Costa estavam situadas na cêrca, junto da cela prioral, existindo ainda bem conservadas em 1654. Porém decorridos poucos anos foram demolidas. Mas uma pedra medida no muro da cêrca as faz lembradas numa legenda que diz: *Casa dos infantes*. Esta casa comunicava directamente com o dormitório da comunidade religiosa por uma artística porta.

Existia na cêrca d'este mosteiro e não sabemos se ainda ali se encontra, uma fonte, depois chamada de *D. Duarte*, onde este ia todos os dias de passeio para espaiar e ali descansava.

Segundo o documento antigo ⁽¹⁾ que nos esclarece — seguiam estes dois ilustres infantes a disciplina do mosteiro como os outros religiosos, sem distinções nem privilégios, e porisso não só serviam à mesa, nas refeições da comunidade como ajudavam também às missas, celebradas na

(1) Manuscrito 8:560 (F. G.) da Biblioteca Nacional — Secção dos Reservados.

respectiva igreja, executando outros serviços que, por escala, lhes tocavam.

Os padroeiros dêste mosteiro, os reis de Portugal até D. Duarte, filho de D. João I, o Mestre de Avis, apresentavam o Prior comendatário do mosteiro, a quem incumbia a administração das rendas nos gastos e despesas feitas com a manutenção do mesmo.

Este Prior, pertencente ao clero regular ou secular, podia viver ou não no mosteiro. Porém, além dêste, havia no mosteiro um outro Prior, chamado *claustreiro*, que tinha por fim exercer a vigilância interna e era religioso professo, nomeado por eleição, sendo obrigado a residir no mosteiro com os outros frades ou religiosos.

O 4.º duque de Bragança (2.º de Guimarães, nomeado em 1496 por D. Manuel I) D. Jaime, antes de proceder à reforma neste mosteiro, tendo vagado o lugar de Prior comendatário, ainda tentou trazer os frades de Santo Agostinho à primitiva disciplina interna, a moralidade de forma a entrar de novo no mosteiro, onde tinham florescido notáveis intelectualidades e muitos varões de grandes virtudes. Para isso nomeou, com autorização apostólica, novo Prior comendatário o rev. Padre-Mestre Frei João de Chaves, varão exemplar e virtuoso da Ordem Seráfica, lente de teologia que vivendo na clausura dêste mosteiro, demandou os melhores esforços para conseguir restabelecer a austeridade da primitiva disciplina monástica e desta forma acabar com o relaxamento que ali campeava. Mas todos os seus bons intentos foram baldados. Por isso retirou-se êste Prior do mosteiro, ainda que imensamente penalizado por não ter conseguido trazer os religiosos ao bom caminho. Foi nomeado bispo de Viseu, conservando sempre, contudo, até morrer o título de Prior comendatário da Costa.

Por muitos anos existiu na cela que êle ocupava no dito mosteiro, o seu retrato, vestido de franciscano, prostrado de joelhos, ostentando uma chave na mão, presa por um cordão à cintura, o que tanto podia significar uma alusão ao seu apelido, como indicar o papel por êle desempenhado a dentro do mosteiro. Não é natural — continua o documento que nos serve de *cicerone* — que êste retrato fôsse pintado pelos religiosos de Santo Agostinho que nem *pintado* o queriam ver. E' mais certo ser obra dos de S. Jerônimo, talvez de um Frei Carlos, pintor célebre que

fez diversas pinturas de grande merecimento no mesmo mosteiro.

Mas é tempo de terminar; porém, antes de o fazermos, permiti-nos que vos apresentemos uma lista, ainda que resumida, de alguns professos d'êste mosteiro, ou não, que foram priores:

1.º *FREI Inocência de Évora* que professando em 1501 no convento do Espinheiro da cidade de que usava o apelido e era natural, viera tomar a direcção espiritual d'êste, depois de D. Jaime o entregar à Ordem de S. Jerónimo.

2.º *FREI Cipriano Guimarães* que as crónicas dizem natural da mesma cidade do apelido e que professando em 1598, neste mosteiro, faleceu em Maio de 1601 com 90 anos.

3.º *FREI Baltasar de S. Tomé* natural de Barcelos, e filho de nobre familia. Professando na Costa em 1548, foi ali prior e faleceu em 12 de Outubro de 1609.

4.º *FREI Bernardo da Silva* (ou de Aveiro) natural da mesma que professou na Costa em 1567. Foi partidário de D. António, Prior do Crato, e sendo por êste motivo perseguido pelos sequazes de Filipe I, andou fugido muito tempo d'êste mosteiro, regressando depois ao mesmo. Faleceu em 1629.

5.º *FREI Francisco de Coimbra*, natural da mesma. Era muito erudito e, sendo prior do mosteiro da Costa, faleceu em 1570.

6.º *FREI Heitor Pinto* que professando neste mosteiro em 1580 foi prior em 1585.

7.º *FREI Belchior Matoso* que professando no mesmo, foi d'êle prior desde 1628 a 1631.

8.º *FREI André de Sernancelhe* que, professando no mesmo mosteiro da Costa, foi prior em 1591.

9.º *FREI Jerónimo de Castilho* (ou de Coimbra) que foi prior em 1638.

10.º *FREI Manuel de Andrade*, filho de Marcos Andrade e de Isabel de Matos, que foi prior em 1616.

11.º *FREI Miguel de Sousa*, filho de João de Sousa Lima e de Maria de Almeida, que foi prior em 1621.

12.º *FREI Fernando de Braga* que, tendo professado neste mosteiro em 1639, d'êle foi prior em 1635, tendo falecido em 1656.

13.º *FREI Manuel do Calvário* que, professando neste mosteiro, foi dêle prior em 1686.

14.º *FREI Martinho de Castro* que, professando no mesmo em 1680, foi dêle prior em 1688.

15.º *FREI Jerónimo de Carvalho* que foi lente de teologia na Universidade de Coimbra e tendo professado neste mosteiro, dêle foi prior nos anos de 1654 e seguinte.

16.º *FREI Inácio Meireles*, natural de Braga, que nêle professou e foi prior desde 1673 a 1676, ano em que faleceu.

17.º *FREI André da Madre de Deus*, que no mesmo professou e dêle foi prior em 1695 e ano seguinte.

18.º *FREI Diogo de Santa Maria*, que professou no ano de 1671 e dêle foi prior desde 1707 a 1709.

19.º *FREI António dos Seráfins*, natural de Barcelos, que nêle professou em 1678 e foi prior desde 1701 até 1704.

20.º *FREI Domingos do Rosário*, natural da província do Alentejo, que nêle professou e foi prior nos anos de 1679 e 1680.

21.º *FREI João Leite* que nêle professou e foi prior em 1690 e 1691.

22.º *FREI Alexandre de Jesus* que nêle professou em Abril de 1684 e foi prior em 1713 e 1714.

23.º *FREI Jerónimo dos Anjos* que foi prior em 1682.

24.º *FREI Diogo Brandão* que foi prior nos anos de 1707 e 1708.

25.º *FREI José de Santo António* que professou em 1708 e foi prior nos anos de 1725 até 1727.

26.º *FREI Leonardo de Carvalho* que professou no convento de S. Marcos, em Braga, e foi prior dêste, da Costa, em 1717 e 1718.

27.º *FREI Teodósio de Noronha* que nêle professou e foi prior em 1711.

28.º *FREI Cipriano da Conceição* que foi prior em 1733 e inaugurou no mosteiro uma aula de filosofia que regeu alguns anos.

29.º *FREI Alexandre do Espirito Santo* filho de Nicolau Arrochela e de Leonor de Almeida, natural de S. Romão de Arões que professou neste mosteiro e dêle foi prior em 1736. Era exímio poeta.

30.º *FREI José de Castro* que foi prior desde 23 de Setembro do ano de 1748 até ao fim do ano de 1751.

31.º *FREI André de Gouveia*.

32.º *FREI Baltasar Guimarães* que, tendo professado neste mosteiro da Costa, transitou para o de Penha Longa, que era a casa dos *noviços*, a instâncias do cardeal D. Henrique, e depois tornou para êste.

O convento de Penha Longa estava situado ao pé de Sintra e era muito visitado pelos nossos reis que o ampliaram e modificaram, com algumas novas edificações. D. Manuel I, depois da morte da 2.ª mulher, esteve nêle um mês e nêle fez o testamento.

Fôra fundado por Frei Vasco Martins e as obras coadjuvadas por D. João I, o Mestre de Avis.

33.º *FREI Baltasar dos Reis*, natural de Ponte da Barca, o que faleceu neste mosteiro em 1690. D. Filipe II considerava-o tanto que o foi visitar, pedindo-lhe ao mesmo tempo para tomar a direcção espiritual do dos Jerónimos, em Belém, onde permaneceu três anos, transitando depois para o de Penha Longa, com o mesmo fim.

34.º *FREI José da Natividade* que foi o 1.º que teve o título de *abade* por *Breve pontifício*. Celebrou pontifical na igreja dêste mosteiro, no dia de S. José, do ano de 1735.

35.º *FREI Bento de Sant'Ana* que foi prior em 1785.

Belas (concelho de Sintra), 21 de Julho de 1930.

P.º ALBERTO GONÇALVES.